

HELDER, Herberto. *Servidões*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2013. 124 p.

Isabella Batista de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
isa.bellabsouza@gmail.com

Recebido em 26 de fevereiro de 2015

Aprovado em 3 de abril de 2015

Servidões, livro publicado por Herberto Helder em 2013, está entre os mais recentes do poeta português (o último lançamento até então foi *A Morte Sem Mestre*, de 2014). Nascido na década de 1930, Helder instaurou uma poética forte e singular desde o início do seu percurso no final dos anos 1950 e atualmente é considerado um dos principais poetas portugueses contemporâneos. Além da obra, também a postura do escritor foi responsável pelo aumento de sua popularidade: recusou prêmios importantes, não concede mais entrevistas e proibiu que os amigos se manifestassem no documentário *Meu Deus Faz com que eu seja sempre um poeta obscuro* (António José de Almeida, 2007). Seja pela obra ou pelas atitudes, fato é que HH está entre os poetas contemporâneos mais cultuados do momento, chegando a esgotar as 3000 edições de *Servidões* em poucos dias.

No início de sua trajetória, HH esteve ligado ao surrealismo português, movimento artístico que teve início no fim da década de 1940. O curioso é que o livro em questão traz, logo na página de abertura, um diálogo entre duas personalidades importantes do surrealismo na França:

ANDRÉ BRETON – Des têtes! Mais tout le monde sait ce que c'est qu'une tête.

ALBERTO GIACOMETTI – Moi, je ne sais pas.¹

A anedota é referente a um momento de dissidência entre os artistas supracitados: Giacometti, que havia criado a escultura *L'Objet invisible: maintenant le vide* – que segundo Bréton era “l'émanation même du désir d'aimer et d'être aimé enquête de son véritable objet humain et dans sa douloureuse ignorance”² – agora se voltava para o trabalho artístico a partir da observação de modelos com a ambição de criar uma cabeça. É devido a essa compulsão pela *tête* que Bréton faz o comentário irônico de que todos sabem o que é uma cabeça, mas Giacometti responde “eu não sei”. Essa historieta, além dos diversos registros, também pode ser encontrada no documentário de Michel Van Zele *Alberto Giacometti – Qu'est-ce qu'une tête?* (2000), quando o pintor Balthus reconta-o ao diretor.

Esse momento de divergência, entre um artista e um movimento, é o responsável pelo tom inicial de *Servidões*: Giacometti abandona o grupo para seguir um caminho singular em busca daquilo que Jean Genet considera como a origem da beleza:

A beleza tem apenas uma origem: a ferida, singular, diferente para cada um, oculta ou visível, que o indivíduo preserva e para onde se retira quando quer deixar o mundo para uma solidão temporária, porém profunda. [...] A arte de Giacometti parece querer descobrir essa ferida secreta de todo ser e mesmo de todas as coisas, para que ela os ilumine.³

Pode-se considerar que a fala de Genet é também pertinente para a singularidade da obra de Herberto Helder, que teve um percurso análogo ao de Alberto Giacometti, tanto em relação ao movimento surrealista, em Portugal e na França, quanto à visão excepcional sobre o fazer artístico.

Além da referência a Breton e a Giacometti, *Servidões* também oferece outras indicações interessantes: não só de modo explícito,

¹ HELDER, 2013, p.7.

² BRÉTON, 1934, p.18. (Em uma tradução livre: a emanação do desejo de amar e de ser amado em busca de seu verdadeiro objeto humano e em sua dolorosa ignorância.)

³ GENET, 2000, p.12-13.

como a que coloca no fim de um poema “Bibliografia dispensável: *Les origines tragiques de l’érudition. Une histoire de la note en bas de page*. Anthony Grafton (trad. Antoine Fabre)”,⁴ como também pela maneira como mescla trechos inéditos com textos antigos autorreferenciais. Na página seguinte à anedota que retrata o cisma no movimento surrealista, o leitor é apresentado a um atípico texto em prosa. Parte significativa desse texto está presente, com pequenas modificações, na antologia *EDOI LELIA DOURA – antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa* organizada por HH em 1985.⁵

Outro ponto marcante que torna *Servidões* um livro notável dentro da obra de Helder é a presença de um sujeito bem marcado no texto. Já no título do livro, reforçado pelo distinto dístico “dos trabalhos do mundo corrompida/ que servidões carrega a minha vida”,⁶ convém perguntar-se de quem é essa servidão. Certamente é do eu que teve a vida corrompida pelo mundo, que foi sujeito aos trabalhos dele. Além disso, esse uso da primeira pessoa, um ser com uma vida corrompida pelo mundo, sujeitado aos trabalhos do mundo também está relacionado à morte. O poema seguinte é ainda mais incisivo sobre esse sujeito e remarca a ligação intrínseca entre nascimento e morte:

Saio hoje ao mundo,
Cordão de sangue à volta do pescoço,
E tão sôfrego e delicado e furioso,
De um lado ou de outro para sempre num sufoco,
Iminente para sempre
23. XI. 2010: 80 ANOS⁷

Há, pois, um entrelaço entre vida e morte, como se fossem simultâneas, similar à visão de Giacometti ao observar o mundo e seus objetos: “quelque chose de vif et mort simultanément.”.

Servidões é, definitivamente, um livro singular e fundamental para compreender a obra de Herberto Helder em sua totalidade e em sua capacidade de transformação, dentro da ideia de que esta é sempre um poema contínuo.

⁴ HELDER, 2013, p.103.

⁵ Mais precisamente da página 13 a 16 de *Servidões*.

⁶ HELDER, 2013, p.19.

⁷ HELDER, 2013, p. 20.

Referências

ALBERTO GIACOMETTI. *Qu'est-ce qu'une tête?* Direção: Michel Van Zele. França: Arte Éditions, 2000. 1 DVD (64 minutos): son., color. Legendado. Fr.

BRETON, André. *Equation de l'objettrouvé*. Documents 34, Brussels, 1 Junho, 1934, p. 17-24.

GENET, Jean. *O Atelier de Alberto Giacometti*. São Paulo: Cosac Naif, 2000.

HELDER, Herberto. *EdoiLelia Doura*: antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa. Lisboa: Assírio e Alvim, 1985.

HELDER, Herberto. *Servidões*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2013.

MEU DEUS FAZ COM QUE EU SEJA SEMPRE UM POETA OBSCURO. Direção: António José de Almeida. Portugal: 2007. Documentário exibido pela RTP2 em 2007.